

## Grice, o que é dito e o que é comunicado

Referências:

Grice, Paul, "Logic and conversation", in *Studies in the Way of Words*, Cambridge (Mas.), Harvard University Press, 1989, pp 22-40.

Grice, Paul, "Meaning", in *Studies in the Way of Words*, Cambridge (Mas.), Harvard University Press, 1989, pp 213-223.

Grice parte de uma constatação intuitiva: muitas vezes, o que um falante quer dizer vai além daquilo que ele diz.

O que um falante quer dizer para além daquilo que diz é o que ele "sugere", "indica", "insinua", etc.

O que é "sugerido", "indicado", "insinuado", etc. é identificado pelo ouvinte/leitor, não através da descodificação do significado linguístico, mas através de inferências.

A mesma elocução pode "sugerir", "indicar", "insinuar", etc., coisas diferentes em contextos diferentes:

A: Queres um café?

B: Bem, o café não me deixa dormir.

Grice propõe o termo *implicatura* (*implicature*) para caracterizar o que é "sugerido", "indicado", "insinuado", etc.

A implicatura é contrastada com "o que é dito" (*what is said*). Em geral, é a partir da identificação do que é dito que se inferem as implicaturas.

O que é dito e a(s) implicatura(s) (caso haja implicaturas) constituem a significação total de uma elocução, no sentido de "significado não-natural" de Grice. Ou seja, o que é dito e a(s) implicatura(s) (caso haja implicaturas) constituem o que é *comunicado*.

"Significado não-natural": Envolve a intenção do comunicador. O exemplo por excelência é a comunicação verbal.

Diferença entre “significado não-natural” e “natural”: no primeiro não há uma correlação factual entre eventos, ao contrário do que se passa com o segundo.

Importante: não é necessário que o “significado não-natural” seja convencional. Certos gestos, por exemplo, podem “significar não-naturalmente” sem serem por isso convencionais.

Da mesma forma, embora “o que é dito” esteja ligado ao significado “convencionalmente” atribuído a uma frase, a grande maioria das “implicaturas” é de natureza não convencional.

A: Sabes a que horas chega o Pedro?

B: Estou a ver um BMW amarelo mesmo aqui em frente.

Grice e a significação (“querer dizer”): Um comunicador significa (“quer dizer”) que  $p$  se ele tem a intenção de

- (1) provocar um efeito  $x$  na sua audiência através do reconhecimento, por esta, de  $p$
- (2) que a audiência reconheça a intenção (1)
- (3) que (2) seja ao menos em parte uma das razões que conduzem ao efeito  $x$

A intenção comunicativa é auto-referencial ou reflexiva: envolve a intenção de ser reconhecida como intencionalmente reconhecida. Se a audiência reconhece a intenção comunicativa nesses termos, a comunicação é bem sucedida.

Para Grice, a significação total de uma elocução envolve tanto o que é dito como as eventuais implicaturas. Assim, e tendo em conta o papel das intenções na significação e na comunicação, conclui-se que as implicaturas são intencionais, assim como “o que é dito”.

Ou seja, uma conclusão a que a audiência chegue através de inferência, mas que não tenha sido intencionada pelo comunicador, não conta como uma implicatura.

“O que é dito”, para Grice, obviamente também é intencional. E está ligado ao significado “convencionalmente” atribuído a uma frase, mas não se identifica necessariamente com ele – porque, segundo Grice, há *implicaturas convencionais*.

Por exemplo:

“Ela é inteligente, mas pobre”.

O locutor *diz* que uma determinada pessoa do sexo feminino é inteligente e pobre; e *implica convencionalmente* (através do significado de “mas”) que há um contraste entre o facto de ser inteligente e o facto de ser pobre.

“O que é dito” para Grice parece ser, em linhas gerais, e no caso dos enunciados indicativos, o conteúdo verocondicional do enunciado, ou seja, as suas condições de verdade – a informação sobre o que seria o caso se o enunciado fosse verdadeiro. Assim,

- (1) “Ela é pobre e honesta” e
- (2) “Ela é pobre mas honesta”

têm as mesmas condições de verdade (a conjunção é verdadeira se e somente se cada uma das expressões é verdadeira).

Ou seja, “o que é dito” (no sentido de Grice) pelos dois enunciados é o *mesmo*. Mas (2) implica (convencionalmente) um contraste – contraste que não interfere nas condições de verdade.

As implicaturas convencionais são em número reduzido. Na sua grande maioria, as implicaturas não são convencionais. E entre estas, as que interessam a Grice são as *implicaturas conversacionais*.

De acordo com Grice, a conversação obedece a princípios gerais da acção racional em situações de cooperação.

Donde, a formulação do “Princípio Cooperativo”:

“Dê a sua contribuição conversacional tal como requerida, na altura em que ocorre, pelo propósito ou direcção aceite da troca verbal na qual você está envolvido.”

Para além do P.C., supõe-se que os participantes numa conversação respeitem um conjunto de “máximas”, divididas em quatro categorias:

### Quantidade

- (1) Faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto o requerido (pelos propósitos correntes da conversação).
- (2) Não faça a sua contribuição mais informativa que o requerido.

### Qualidade

Tente fazer com que a sua contribuição seja verdadeira.

- (1) Não diga aquilo que acredita ser falso.
- (2) Não diga aquilo para que não tem evidência suficiente.

### Relação

Seja relevante.

### Modo

Seja claro.

- (1) Evite obscuridade de expressão.
- (2) Evite a ambiguidade.
- (3) Seja breve.
- (4) Seja ordenado.

O P.C. e as máximas orientam as expectativas dos participantes numa situação de comunicação verbal. E *mesmo no caso em que as máximas aparentemente são violadas*, presume-se que pelo menos o P.C. é mantido. Isto faz com que a audiência procure identificar as implicaturas conversacionais intencionadas pelo comunicador.

Assim, pode-se gerar implicaturas sem violar as máximas. Mas também se pode fazê-lo *violando ostensivamente* as máximas (ou seja, “explorando” as máximas).

Tipos de implicaturas conversacionais:

(1) Implicaturas conversacionais *particularizadas* (dependentes do contexto de comunicação). Exemplos (em casos de violação ostensiva de pelo menos uma das máximas):

Numa carta de recomendação para um emprego como professor de Filosofia, o “apoiantes” do candidato escreve: “O João é muito pontual, asseado e tem uma letra muito bonita. Atenciosamente, etc.”

Numa crítica de um espectáculo musical: “O cantor emitiu uma sequência de sons semelhante à canção *Grândola Vila Morena*”.

Exemplo de uma implicatura conversacional em que não há violação das máximas:

A: Estou sem gasolina.

B: Há uma bomba ao virar da esquina.

(2) Implicaturas conversacionais *generalizadas* (não dependem do contexto):

O António vai ter com uma mulher esta noite.

(Implicatura: a mulher não é sua mãe, irmã, namorada, etc.)

O Pedro tem três filhos.

(Implicatura: o Pedro não tem mais de três filhos)

O árbitro deixou de marcar quatro penaltis a favor do Sporting.

(Implicatura: o árbitro não deixou de marcar mais de quatro penaltis)

Alguns alunos foram reprovados.

(Implicatura: nem todos os alunos foram reprovados)

Alguns critérios para a identificação de implicaturas conversacionais:

- (1) Podem ser canceladas (é possível negar o que é implicado, sem contradição)
- (2) São “não destacáveis” (à excepção das implicaturas que exploram as máximas de modo)
- (3) São calculáveis (é possível reconstruir um raciocínio que conduz do “que é dito” para a implicatura).

Alguns problemas:

- (1) A própria determinação do “que é dito” (p.ex., determinação da referência ou resolução de ambiguidades) pode exigir o recurso às máximas.
- (2) O conceito do “que é dito” nunca é precisamente formulado por Grice.

- (3) Casos como o da ironia, em que o falante “faz como se dissesse” algo (*makes as if to say*), mas estritamente “não diz nada”, são contra-intuitivos.
- (4) A explicação de figuras como a ironia e a metáfora em termos de implicatura não é convincente.
- (5) É possível argumentar que todas as máximas podem ser substituídas por um “Princípio da Relevância”.
- (6) O conceito de “implicatura convencional” é problemático.

Esquema de Grice  
(comunicação verbal)

